Cinco cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro a Augusto Cunha

Ricardo Vasconcelos

San Diego State University

Resumo

Este artigo apresenta um conjunto inédito de cinco cartas e postais enviados por Mário de Sá-Carneiro ao escritor Augusto Cunha (Augusto Henrique Roberto da Cunha, 1894-1947), entre 30 de dezembro de 1912 e 4 de setembro de 1914. Descreve-se a relação entre Sá-Carneiro e Augusto Cunha, e a forma como este último testemunhou o desenvolvimento da revista *Orpheu*. Quanto ao teor da correspondência, evidencia-se o tom humorístico de Sá-Carneiro, conhecido já de outra correspondência e aqui sobretudo visível nas referências satíricas e caricaturais a António Ferro. É ainda patente o papel de referência que Sá-Carneiro assumiu para com os mais novos da sua geração, desde o seu primeiro livro de ficção, *Princípio* (1912), já que a correspondência se reporta a uma paródia do estilo de Sá-Carneiro escrita por Augusto Cunha. Transcrevem-se e anotam-se criticamente as cartas e postais.

Abstract

This article presents a cluster of letters and postcards sent by Mário de Sá-Carneiro to the writer Augusto Cunha (Augusto Henrique Roberto da Cunha, 1894-1947), between 30 December 1912 and 4 September 1914. I describe the relationship between Sá-Carneiro and Cunha, and the way the latter observed the development of the literary journal*Orpheu* and addressed it in his writing. The correspondence exhibits Sá-Carneiro's typical humorous language, already well known in other correspondence of his, and here more evident in his satirical and caricature-like references to António Ferro. The letters and postcards also prove Sá-Carneiro's role as a reference to the younger writers in his generation, as early as when he published his first book, *Princípio* (1912), since in his letters he refers to, and rather welcomes, a parody of his own style that had been written by Augusto Cunha. The letters and postcards are fully transcribed and annotated.

Palavras-Chave

Mário de Sá-Carneiro, Augusto Cunha, António Ferro, Modernismo Português, Modernismo Lusófono, *Alma Nova*, *Orpheu,* "Um Serão Paülista", sátira, pastiche.

Keywords

Mário de Sá-Carneiro, Augusto Cunha, António Ferro, Portuguese Modernism, Lusophone Modernism, *Alma Nova*, *Orpheu,* "Um Serão Paülista" [A Paulist *Serata*], satire, pastiche.

Apresenta-se aqui pela primeira vez um conjunto de cinco cartas e postais enviados por Mário de Sá-Carneiro ao escritor Augusto Cunha (Augusto Henrique Roberto da Cunha, 1894-1947), entre 30 de dezembro de 1912 e 4 de setembro de 1914.

Jornalista e prosador, com particular destaque para o conto humorístico, Augusto Cunha passou, tal como Mário de Sá-Carneiro, pelos bancos do Liceu de Camões, ao lado de António Ferro, de quem foi sempre amigo próximo e de quem veio mesmo a ser cunhado.[1] Importa, antes de mais, assinalar alguns elementos da relação de Cunha e Sá-Carneiro, nomeadamente alguns momentos em que se cruzam pessoalmente ou através da sua escrita.

É o próprio Augusto Cunha, no capítulo "No tempo do paùlismo e do 'Orpheu'", do seu livro de *Contos Escolhidos*, quem descreve ter conhecido Mário de Sá-Carneiro "num liceu e em circunstâncias trágicas" (p. 31). Cunha refere-se especificamente ao suicídio de Tomás Cabreira Júnior nas escadas do Liceu de Camões, que o próprio Sá-Carneiro se terá encarregado de anunciar pelas diferentes salas da escola, a 8 de Janeiro de 1911: "Já lá vão mais de trinta anos e parece-me ver, ainda hoje, a sua expressão transtornada, lívida, ao entrar numa aula de latim do meu sexto ano de letras, para anunciar, como já fizera em todas as aulas dos outros cursos, de olhar esgazeado, a voz perturbada e trémula, que um dos nossos condiscípulos no liceu, um dos mais queridos camaradas nas lides literárias, a esse tempo incipientes, mas já prometedoras, tinha acabado de suicidar-se" (p. 31).

Ora, independentemente do grau de proximidade de António Ferro e Augusto Cunha em relação a Mário de Sá-Carneiro, ainda nessa fase inicial de 1911, o facto é que um ano depois os vemos partilhar as páginas de uma mesma publicação, que aliás ainda ecoará esse momento trágico, marcante na formação de Sá-Carneiro. Trata-se da *Alma Nova*, subtitulada "Jornal academico bi-mensal", que apresenta como seu director Jaime Ribeiro Leal, como proprietário António Ferro, e como editor Maximino Abranches. Desta publicação conhecem-se três números (de 14 de abril, 7 de maio e 7 de junho de 1912), que incluíram também textos, por exemplo, de António Cardoso Ponce de Leão, outro dos amigos próximos de Mário Sá-Carneiro.

[1] Não obstante a diferença de idades de Cunha (nascido a 1894) e Ferro (nascido em 1895) relativamente a Sá-Carneiro (1890), António Quadros reporta-se a esse período liceal quando nota que o seu pai, António Ferro, teria uma relação de "amizade e camaradagem com o seu colega de Liceu de Camões", Sá-Carneiro (p. 13). Sobre a relação de amizade e familiar de Augusto Cunha e António Ferro, veja-se Jordão, nomeadamente as pp. 76 e 77.

Não obstante o facto de Sá-Carneiro ter publicado previamente a peça de teatro *Amizade*, com Cabreira Júnior, e a publicação nesse mesmo ano de 1912 do livro de novelas *Princípio*, em *Alma Nova* Mário de Sá-Carneiro apresenta apenas dois poemas inéditos. Não eram aliás os primeiros poemas, se pensarmos por exemplo naqueles que publicou em *Azulejos*, sobretudo com o pseudónimo anagramático Sircoanera. Um dos dois poemas em *Alma Nova* é "A Mulher Gravida" (*Alma Nova*, n.º 1, p. 3), composição de ecos realistas escrita já um ano antes.[1] Este poema é aliás o único texto a receber maior destaque gráfico na pequena publicação, o que parece indiciar um maior cuidado dos editores do jornal académico para com Sá-Carneiro, um escritor de obra já impressa e meia década mais velho do que António Ferro. O outro poema é "A um Suicida" (*Alma Nova*, n.º 3, p. 3), escrito cerca de meio ano antes, precisamente em homenagem ao malogrado Tomás Cabreira Júnior.

Ora é também na *Alma Nova*, no segundo número, que Augusto Cunha publica uma satírica carta ao "Caro redactor e amigo" António Ferro, explicando-lhe o eco do primeiro número deste jornal académico num outro liceu, o Passos Manuel: "Não imaginas como o teu jornal aqui foi bem recebido e... não comprado. | Não calculas, o lyceu Passos Manoel, esse gurgite vasto onde bramem ruidosa e constantemente mais de 1200 rapazes, é um forte appoio e esteio para grandes iniciativas. | [...] Dos jornaes que me entregastes [sic] venderam-se aqui aproximadamente..... para cima... de quatorze exemplares; e que de diplomacia, que de argumentação e logica para cada mísero que me sahia das mãos..." (p. 2). O pendor satírico de Augusto Cunha, que haveria de continuar a ser desenvolvido, manifestava-se desde cedo.

Mais de dois anos depois, já em 1914, António Ferro e Augusto Cunha publicam conjuntamente o livro *Missal de Trovas*, que inclui uma secção inicial com testemunhos de diferentes escritores a propósito de "A Quadra Popular", incluindo Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, ao lado de João de Barros, Afonso Lopes Vieira, João Lúcio, Júlio Dantas, Alberto Osório de Castro, e Augusto Gil. O volume é aliás dedicado conjuntamente a Fausto Guedes Teixeira e ao próprio Augusto Gil.

[1] Ou de características "naturais" (leia-se: de inspiração naturalista), para usar o termo que Sá-Carneiro emprega referindo-se a estrofes do poema "Simplesmente". Este poema marca o fim da juvenília de Sá-Carneiro quando o autor elimina precisamente essas mesmas quadras, em que se vê a inspiração de Cesário Verde, e aproveita as restantes para o primeiro poema de *Dispersão*, "Partida".

Sabemos que Sá-Carneiro instigou Ferro a publicar este livro, falando de quadras "muito lindas".[1] E sabemos ainda que quando o livro é publicado, ainda antes de o ter visto, Mário de Sá-Carneiro mostrou a Fernando Pessoa a sua curiosidade, desde logo pelos outros escritores incluídos na secção prefacial. Não era de somenos que Sá-Carneiro e Pessoa partilhassem uma espaço prefacial com Dantas, Lopes Vieira e João de Barros, nomes mais destacados do meio literário e tantas vezes atacados por ... Pessoa e, pouco depois, pelos de *Orpheu*, em geral. Daí que Sá-Carneiro perguntasse a Pessoa, num postal de 28 de julho de 1914: "Esses bebés mandar-me-hão o livro? Diga-lhe o que aqui vai — pelo menos era p[ar]a eu ver o meu paülismo a par [do] J[oão] de Barros!..." (Sá-Carneiro, *Em Ouro e Alma*, pp. 250-51). Mais tarde, a 6 de Agosto de 1914, depois de ter recebido o volume, Sá-Carneiro indica a Pessoa que o livro "do Ferro e Cunha […] está na verdade muito bem apresentado e me deixou uma bela impressão. Transmita isto a esses rapazes, pois não tenho forças para lhes escrever" (Sá-Carneiro, *Em Ouro e Alma*, p. 256). A terminologia usada — "Esses bebés", "esses rapazes" — não esconde um aparente sentimento de maior afirmação no meio literário, por parte de Sá-Carneiro, talvez até um sentimento de alguma antiguidade por comparação com os mais jovens. No fim de contas, em 1914 Sá-Carneiro já tinha publicado, além de *Amizade* e *Princípio*, *Dispersão* e *A Confissão de Lúcio*. Por outro lado a diferença de idades para com Ferro (cinco anos) e Cunha (quatro anos) era suficiente para que se fizesse sentir, considerando a juventude de todos.

Já em 1915, em pleno período de ebulição da revista *Orpheu*, vemos Augusto Cunha circular de forma próxima ao grupo que nela colaborou, ser por ele influenciado, e referir-se-lhe ainda em clave paródica, assim partilhando do seu espírito, no fim de contas. Isto ainda que o próprio Augusto Cunha até certo ponto se exclua desse grupo, na maneira como se lhes refere, dizendo por exemplo no seu texto "No tempo do Paùlismo e do 'Orfeu'":

> os componentes do grupo tinham criado uma série de novas formas e de audaciosas expressões, procurando todos, numa estranha competição, exceder-se a si próprios e a cada um, em exotismos, em extravagantes conceitos e opiniões, nas mais imprevistas e complexas frases deliberadamente destoantes da vulgaridade corrente e, quase todas, com o principal propósito de irritar. (p. 35)

[1] Ainda a 18 de Março de 1913 Sá-Carneiro indicara em carta a António Ferro, a respeito de poesias que surgiriam mais tarde em *Missal de Trovas*: "As quadras do Cunha e sua[s] são coisas muito lindas. É preciso publicá-las sem demora" (Toriello, 1987, p. 141).

É o "convívio diário" com a "maneira de dizer dos vários expoentes da nova escola literária" (p. 35) que o leva a escrever a paródia "No Ano 87 do 'Orfeu' — 'Um Serão Paùlista'",[1] uma sátira das excentricidades da revista, cuja publicação, nas palavras do próprio Cunha, terá sido incentivada pelos de *Orpheu*. A meu ver, no desejo de chocar o burguês de forma irreverente e de parodiar as linguagens mais inovadoras ou simplesmente rocambolescas, este artigo acaba por partilhar do próprio espírito da vanguarda da época. Daí que, segundo Augusto Cunha, Fernando pessoa tenha escutado a leitura "naquele riso franco" e que o entusiasmo de Sá-Carneiro "não tenha sido menor" (p. 39).

Reportando-nos agora às cartas de Sá-Carneiro a Cunha, é no contexto ainda anterior a *Orpheu*, contudo, que as mesmas são escritas. As cinco cartas, de que existem cópias na Fundação António Quadros, integram hoje duas coleções particulares: a carta de 1 de janeiro de 1913, aqui fac-similada, numa coleção; e a restante correspondência, de quatro datas diferentes, numa outra. Diga-se que já em 1987, em *La Ricerca Infinita*, Fernanda Toriello indicava que a filha de Augusto Cunha, Maria Helena Ferro Cunha Matos, planeava publicar cinco cartas e postais enviados ao seu pai por Mário Sá-Carneiro que estariam em sua posse (p. 85). Tudo indica serem as cinco cartas e postais adiante transcritas.

Estas cartas vêm vincar alguns elementos que se conheciam já. Desde logo, o tom bem-humorado que se conhece de muita outra correspondência de Mário de Sá-Carneiro. Resulta também evidente o papel de referência para os mais novos da sua geração assumido por Sá-Carneiro, e que se percebe até na sátira que Cunha decide fazer da retórica dos contos de Sá-Carneiro em *Princípio*. Obviamente desde cedo Cunha cultiva o gosto irreverente e paródico que demonstrará ainda em 1915, com "Um Serão Paùlista", e a escolha de satirizar Sá-Carneiro e apresentar-lhe a sátira — aliás encorajado pelo próprio Sá-Carneiro — mostra não só alguma proximidade como certa admiração. Percebe-se, por outro lado, a franqueza da resposta de Mário de Sá-Carneiro, que diz que, "como 'pastiche', como caricatura", achava o conto "pouco feliz" porque podia "ter exagerado mais os tiques do meu estilo (?)". O leitor da correspondência de Sá-Carneiro para Pessoa irá reconhecer o mesmo tom de opinião franca que Mário de Sá-

[1] Vale a pena ler a explicação dada por Cunha quanto ao contexto deste artigo (pp. 35-50), que foi publicado originalmente no jornal *O Povo* de 17 de abril de 1915. Um recorte do mesmo foi incluído num dos cadernos de recortes das críticas a *Orpheu* conservados por Mário de Sá-Carneiro e que hoje integram o arquivo de Fernando Pessoa na Biblioteca Nacional de Portugal.

Carneiro aparentemente mantinha com outros também. O ponto de interrogação acerca da ideia de um hipotético estilo próprio, ainda que possivelmente também franco, não deve iludir: mesmo se reconhecesse que talvez fosse cedo para ter um estilo definido, nem por isso Sá-Carneiro deixava de acreditar que tinha já traços marcados e se via menos como referência para os mais jovens. Parece aliás ser essa convicção que o leva a recomendar ao interlocutor que continue a desenvolver a sua escrita.

As cartas corroboram ainda a conhecida familiaridade com António Ferro, aliás já demonstrada pela correspondência com esse autor publicada por Fernanda Toriello em 1987; podem ler-se passagens como: "E o Ferro, morreu?"; "o Ferro parecia ter-se enferrujado em bruma azul numa noite de amor branco"; ou "enferrujado Ferro". São estas aliás as versões mais suaves — ou não fora Cunha amigo próximo de Ferro — daquelas expressões usadas na correspondência com Pessoa — "menino idiota A[ntonio] Ferro" ou "estuporinho do F[erro]" — também já salientadas por Arnaldo Saraiva, que considera que elas denotam alguma afetuosidade mas também "distância, etária e intelectual, ou um certo paternalismo" (p. 203).

Vemos aqui também Mário de Sá-Carneiro, de novo, encorajar os dois escritores mais jovens a que publiquem o seu *Missal de Trovas*, quando lhes diz que "Soube das vossas quadras..." E finalmente vemos até, tal como na correspondência com Fernando Pessoa, o seu menor apreço por Barcelona, para onde parte fugido de Paris e da guerra que começava. Nesta carta, contudo, faz-se a ressalva de que é uma "bela cidade", para logo se acrescentar: "mas ruas gente mal vestida". O que lhe desagrada não é afinal a arquitetura duma Barcelona pós-renascença catalã e com ecos da vanguarda, que leva Sá-Carneiro a falar do templo da Sagrada Família como "Uma Catedral Paúlica", "quasi cubismo até" (2015, p. 273). É apenas uma menor impressão de cosmopolitismo, por comparação com a capital francesa.

*****

Na transcrição que se segue adapta-se genericamente a chave de símbolos inicialmente utilizada na edição crítica das obras de Fernando Pessoa e também seguida nas séries de edições das obras de Pessoa e Mário de Sá-Carneiro publicadas pela editora Tinta-da-china. No essencial mantém-se a ortografia original, remetendo para notas quaisquer intervenções no texto ou descrições genéticas da escrita de Sá-Carneiro. Uniformizam-se alguns elementos gráficos no início e no

fim de cada carta, nomeadamente os adiantamentos de linha e entrelinhas.

1

Paris — Dezembro de 1912[1]

Dia 30

Meu presado amigo,

Recebi ontem a sua carta, mas só hoje o seu conto cuja recepção me apresso a acusar-lhe. Muito e muito obrigado. Vou lê-lo e depois direi a minha impressão. Mas desde já todos os meus agradecimentos. Que este postal é unicamente um aviso de recepção. E um feliz ano novo!

Abraça-o o seu muito[2] amigo e obrigado

Sá-Carneiro

2

CAFÉ RICHE
TÉLÉPHONES: 168-32 & 286-29
2 LIGNES

BOULEVARD DES ITALIENS, 16
PARIS (9E)

Ano de 1913[3]

Dia 1.º

[1] "Carte Postale" com o remetente "Mário de Sá-Carneiro | Paris | Rue des Écoles N.º 50" acrescentado ao impresso, e o destinatário "Monsieur Augusto Henrique Roberto da Cunha | 56, rua Palmira = 2º andar | Lisbonne | (Portugal)".

[2] m[ui]to

[3] Envelope timbrado do Café Riche, de 14,6 cm x 11,2 cm, com carimbos de Paris, de 2 de janeiro de 1913, e de Lisboa, de 5 de janeiro. A carta é escrita num bifólio timbrado do Café Riche, de 27,4 cm x 21,6 cm. O destinatário é "Augusto Henrique Roberto da Cunha | 56, rua Palmira = 2.º andar. | Lisbonne | (Portugal)".

Meu presado amigo,

Duma assentada, sorrindo sempre, rindo ás vezes, li o seu belo conto.

Em primeiro lugar deixe-me insurgir-me contra os seus pedidos de *desculpa*. Para[1] mim pobre escriba, só pode ser lisongeiro que, sobre um trabalho meu, alguem componha outro. Só se caricaturam as coisas de valor. Mas toda a regra tem excepção — e as excepções confirmam as regras. Assim o meu amigo foi caricaturar o meu conto Loucura... No emtanto se a sua obra me agrada muito, visto estar cheia de espirito, devo-lhe dizer que, como "pastiche„, como caricatura, a acho pouco feliz. Na realidade podia ter exagerado mais os tiques do meu estilo (?) como sejam as palavras repetidas, os "viva, nitidamente viva„[2], etc. Mas isso em[3] nada diminue[4] o valor das suas paginas que revelam um soberbo humorista. Faz muito mal o meu amigo se não prosseguir nos seus ensaios literarios, visto que eles patenteiam já um escritor risonho de notaveis meritos.

E agora uma ultima nota: Seriamente encarada, é muito[5] bela a ideia dum individuo que amando a sua imagem mas sofrendo por não poder possuir, se encerrasse numa casa cheia de espelhos para[6] poder matar muitas[7] vezes a imagem que o obcecara.

É que, meu caro, todas as situações podem ser tratadas humoristicamente ou tragicamente[8]. Mesmo porque "os extremos tocam-se„. Sem mais, repetindo os meus agradecimentos, e abraçando-o, sou

o seu muito amigo e obrigado[9]

Mario[10] de Sá-Carneiro

P.S. = Posso guardar o conto ou quer que lho devolva? E o Ferro, morreu? Pergunte-lhe e acuse-me a recepção desta carta, se faz favor.[11]

50. Rue[1] des Écoles.

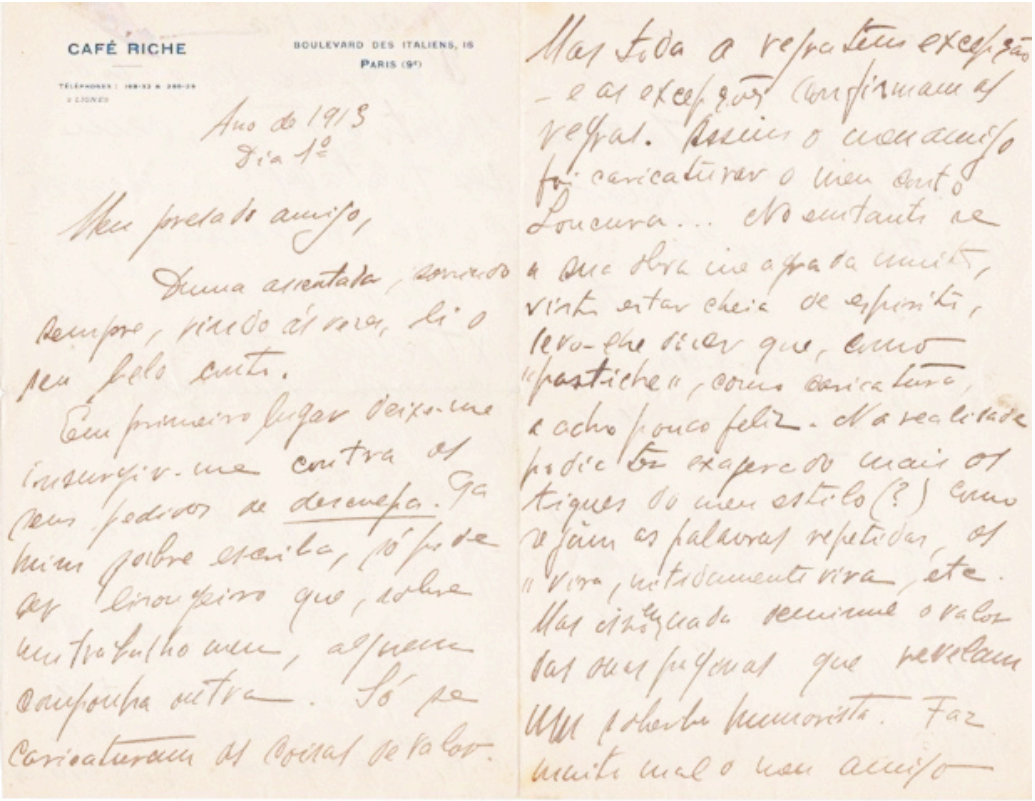
---

[1] P[ar]a
[2] Fecha-se aspas.
[3] [↑ em]
[4] deminue] no original.
[5] m[ui]to
[6] para
[7] m[ui]tas
[8] trajicamente] no original.
[9] o s[eu] m[ui]to amigo e obrig[ad]o
[10] M[ario]
[11] Acrescenta-se o ponto final.

CAFÉ RICHE
Bd DES ITALIENS, 16
PARIS
TÉLÉPHONES 68-34 - 280-23
2 LIGNES

Monsieur

Augusto Henrique Roberto da Cunha
56, rua Palmira = 2º andar.
(Portugal) Lisbonne


CAFÉ RICHE
BOULEVARD DES ITALIENS, 16
PARIS (9e)

Ano de 1913
Dia 1º

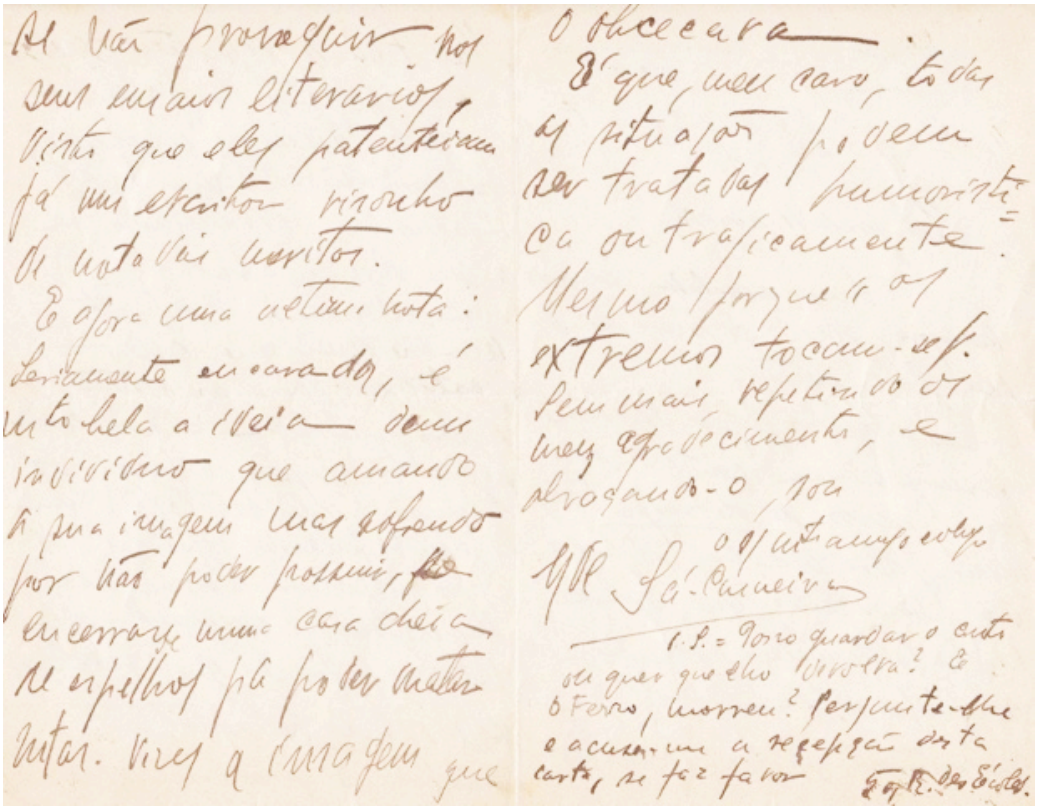
Meu prezado amigo,

Numa assentada, como sempre, pondo de parte, li o seu belo conto.

Em primeiro lugar deixo-me insurgir-me contra os seus pedidos de desculpa. Que bem pobre escrita, só pode ser lisonjeiro que, sobre um trabalho meu, alguém componha outro. Só se caricaturam as coisas de valor.

Mas toda a regra tem exceção — e as exceções confirmam a regra. Assim o meu amigo foi caricaturar o meu conto. Loucura... No sentido de a sua obra me agradar muito, visto estar cheia de espírito, tenho-lhe dizer que, como "pastiche", como caricatura, acho pouco feliz. A realidade predicta exagerada mais os traços do meu estilo (?) como são as palavras repetidas, as "viva, intensamente viva, etc. Mas atenuada sentimos o valor das suas pequenas que revelam um soberbo humorista. Faz muito mal o meu amigo

[1] R[ue]



Carta de Mário de Sá-Carneiro a Augusto Cunha, de 1 de janeiro de 1913. Coleção particular (reservados todos os direitos de reprodução).

3

CAFÉ DE ROHAN

RESTAURANT — GLACIER

TEA-ROOM — PÂTISSERIE

—

TÉLÉPHONE

134-51

Paris, le 13 — 3º 1913[1]

1, PLACE DU PALAIS ROYAL

[1] A carta é escrita em folhas de papel pautado com o timbre do Café de Rohan, e enviada num envelope timbrado do mesmo café, com carimbos de Paris (Rue Danton) do próprio dia 13 de Março de 1913. A data é acrescentada por Sá-Carneiro ao cabeçalho impresso, na primeira página.

Paris — março de 1913

Dia 13

Meu caro amigo,

Eu tenho que lhe pedir desculpa, e emtanto pouca culpa tenho, de lhe não haver respondido. O que é, de resto, absolutamente contra os meus habitos. Mas na avalanche de papeis que o meu quarto encerra cerrados num armario enorme cavado na parede, submergiram-se todos os seus endereços!!... Sabia que havia uma Palmira na coisa. Mas o n.º... o n.º?... Misterio. O tempo ia passando. Quando "responder ao Ferro perguntar-lhe-hei o endereço do Cunha„. Mas o Ferro parecia ter-se enferrujado em bruma azul numa noite de amor branco e não me escrevia. Logo eu não lhe podia "responder„. Mas o seu postal veio-me gritar o horror[1] do meu procedimento. Escrevi ao enferrujado Ferro. Mas entretanto vocês pairaram nas trevas mineiras aonde eu num dia saudoso, tambem em excursão liceal, me abismara. Só hoje o seu postal me veio dar o ensejo de lhe responder! O que[2] sem demora faço.

O seu postal[3] com um selo, chegou sem novidade, graças a Deus. O correio, inteligente, percebeu sem duvida que o outro para[4] Lisboa levava um selo a mais e não multou o que ia para Paris...[5] Ainda ha inteligencias[6] nesse país, com mil raios!...

E que lhe hei de dizer mais?

Que nenhumas novidades lhe tenho a dar e que me apraz[7] muito[8] receber noticias suas.

Tem escrito contos humoristicos? Ou tem-se também "encunhado„ como o Ferro? Diga.

E um grande, monumental[9] abraço.

o seu muito[10] amigo e obrigado

Mario de Sá-Carneiro.

50, rue des Écoles, 50

---

[1] *o *horror] leitura conjectural.
[2] q[ue]
[3] <Q>/O\ seu postal
[4] p[ar]a
[5] o q[ue] ia p[ar]a Paris...
[6] intelijencias] no original.
[7] aprás] no original.
[8] m[ui]to
[9] mon<o>/u\mental
[10] m[ui]to

Soube das vossas quadras — Quando saem elas? Talento e espirito!?

4

Paris — Julho 1914[1]

Dia 21

Pois o Sá-Carneiro, não ha duvida que móra em Paris, na rua[2] das Escolas n.º 50. De resto ha quem diga que êle tenciona mandar muitos abraços e saudades ao Augusto[3] Cunha — um dos seus mais simpaticos amigos e, ao mesmo tempo, pedir-lhe que dê da sua parte beijinhos ao menino Antonio Ferro que nunca escreveu ao Sá-Carneiro nem lhe enviou sonetos. Para[4] identificação, vai aqui a assinatura do

Mario de Sá-Carneiro

5

PALACE-HOTEL
Director Propietario
Vicente Sauri
Barcelona

DIRECCIÓN TELEGRÁFICA
PALHOTEL-BARCELONA

[1] "Carte postale" ilustrada do Café Riche enviada ao "Ex.º Senhor | Augusto Cunha | 50 rua do Conde de Redondo | (3.º andar) | Lisboa | (Portugal)", com carimbos de Paris, de difícil leitura, e carimbos de Lisboa de 25 de julho de 1914.
[2] r[ua]
[3] Aug[usto]
[4] P[ar]a

Barcelona — Setembro 1914[1]

Dia 4.

Meus Amigos recebido postal Barcelona bela cidade mas ruas gente mal vestida conto ficar aqui muito tempo nada sabendo certo porem não compreendo nome vossa quinta nem escrita Ferro nem dita Cunha assim vai ao acaso melancias ou melanias. Desculpem não ser mais longo ficará para outra vez aparo minha caneta arranjar e já não saber escrever com estas[2]. Mil abraços saudades beijinhos

Vosso

Mario de Sá-Carneiro

Palace Hotel

Barcelona

[1] Carta escrita num bifólio timbrado e pautado do Palace Hotel de Barcelona, e enviada num envelope com timbre do mesmo hotel, com a indicação de remetente "enviado por Mario de Sá-Carneiro | Palace hotel | Barcelona", e o destinatário "Sñrs Don Augusto Cunha y Antonio Ferro | Quinta das Melancias (ou Melanias) | *Azambuja* | Lisboa — (Portugal)". As linhas da morada e da cidade estão riscadas a lápis azul e é acrescentado por baixo: "Conde Redondo N.º 50 — 1º | Lisboa". No verso do envelope Sá-Carneiro escreve: "Se este endereço fôr desconhecido | na Azambuja, pede-se o obsequio | de fazer seguir a carta para Lisboa, | ao Exº Sr. *Antonio Ferro* — | 26 rua dos Anjos (2.º D)." O envelope apresenta no rosto um carimbo de Barcelona, de 4 de setembro de 1914, e no verso outro da Azambuja, de 9 de setembro de 1914.

[2] est/es\<as>

Obras Citadas

Cunha, Augusto. "No Tempo do Paulismo e do 'Orpheu'". *Contos Escolhidos*. Col. Antologia dos Humoristas Portugueses. Lisboa; Liv. Bertrand, s/d.

Jordão, Madalena Ferreira. "António Ferro. Quem Foi?". *António Ferro – 120 Anos Depois. Actas.* Coord. e org. Geral de Mafalda Ferro. Lisboa: Texto Editores e Fundação António Quadros, 2016, pp. 63-77.

Quadros, António. "Quem Foi António Ferro". *António Ferro, Saudades de Mim*. Lisboa: Livraria Bertrand, s/d.

Sá-Carneiro, Mário de. *Em Ouro e Alma — Correspondência com Fernando Pessoa*. Ed. Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china, 2015.

Saraiva, Arnaldo. *Os Órfãos do Orpheu*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2015.

Toriello, Fernanda. *La Ricerca Infinita — Omaggio a Mário de Sá-Carneiro*. Bari: Lusitania/Libri, 1987.

Bio

Ricardo Vasconcelos é professor associado de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade Estadual de San Diego, onde dirige o programa de português. As suas áreas de investigação sobre literatura moderna e contemporânea incluem as relações entre os modernismos português e brasileiro e as vanguardas europeias, e neste contexto tem dedicado particular atenção à obra de Mário de Sá-Carneiro, dirigindo na editora Tinta-da-china a serie de edições críticas dos trabalhos deste escritor. É co-editor do número especial do *Yearbook of Futurism Studies* de 2017 (Berlin: De Gruyter), dedicado à relação das literaturas latino-americanas, e nomeadamente a brasileira, com o futurismo internacional. Entre os seus ensaios contam-se ainda *Campo de Relâmpagos – Leituras do Excesso na Poesia de Luís Miguel Nava* (Assírio & Alvim, 2009), o primeiro livro sobre este poeta português do último quartel do século xx.

rvasconcelos@mail.sdsu.edu